

DESENVOLVIMENTO E SOLIDÃO

GT 33 – SOCIOLOGÍA DEL DESARROLLO

Herbert Toledo Martins
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Dhanyane Alves Castro
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Resumo

A proposta do artigo é conjugar literatura, hermenêutica e o conceito de desenvolvimento. Parte-se aqui da hermenêutica proposta por Paul Ricoeur que pretende mundanizar a compreensão em vez de deixá-la no âmbito da psicologia do autor. Isso quer dizer, por exemplo, que ao ler uma obra, em vez de buscarmos a compreensão da obra no que o autor quis dizer, devemos nos focar no que a obra nos abre como possibilidade para entendermos o mundo. Segundo Ricoeur, o texto escrito faz com que o mundo do autor seja posto em relevo, e não sua intenção. O texto deve descontextualizar-se de tal forma que seja recontextualizado numa nova situação. O leitor do texto tem papel fundamental nessa recontextualização. Dessa maneira, pretendemos recontextualizar o romance Cem Anos de Solidão de Gabriel Garcia Marquez e, por seu intermédio, analisar os impactos e as transformações que o desenvolvimento econômico provoca sobre uma comunidade imaginária e, desse modo, interpretar a América Latina a partir da aldeia de Macondo.

Palavras-chave: Desenvolvimento, solidão, hermenêutica, literatura.

Resumen

El propósito de este artículo es la combinación de la literatura, la hermenéutica y el concepto de desarrollo. Se parte aquí de la hermenéutica propuesta por Paul Ricoeur que quiere entender mundanizar en lugar de dejarlo en el contexto de la psicología del autor. Esto significa, por ejemplo, al leer un libro, en lugar de buscar la comprensión de la obra en lo que el autor quiso decir, debemos centrarnos en lo que el trabajo abre la posibilidad de entender el mundo. Según Ricoeur, el texto escrito hace que el mundo se enfatiza el autor, y no su intención. El texto debe descontextualizar es tal que se recontextualiza en una nueva situación. El lector de texto tiene un papel fundamental en esta recontextualización. Por lo tanto, tenemos la intención de volver a contextualizar la novela Cien años de soledad de Gabriel García Márquez y, a través de él, para analizar los impactos y cambios que el desarrollo económico trae consigo una comunidad imaginaria y por lo tanto interpretar a América Latina de la localidad de Macondo.

Palabras clave: Desarrollo, la soledad, la hermenéutica, la literatura.

1. Introdução

O objetivo mais geral deste ensaio é o de ler o romance Cem Anos de Solidão de Gabriel Garcia Marquez, como um exercício para interpretar a América Latina. Acredita-se aqui que o romance nos abre a chance para entendermos o mundo em que vivemos. O mundo do romance é uma representação da realidade, por exemplo, das relações de dependência econômica dos países latino-americanos dos

países centrais. Isso fica evidente com o fato de a matéria prima de exportação de Macondo ser a banana. A economia de Macondo é baseada na monocultura exportadora, o que coloca a aldeia na dependência tecnológica e, em função dessa dependência tecnológica tornam-se presas fáceis de charlatães como o cigano Melquíades, e do próprio modelo de desenvolvimento agroexportador. Mas também é uma representação do impacto socioeconômico que a indústria da monocultura causa sobre as pessoas. Dessa maneira, entendemos que o mundo do romance nos abre a alternativa de compreendermos as transformações e mudanças causadas após a implantação da companhia bananeira em Macondo e, por analogia, em diversas regiões da América Latina.

Em todo lugar do planeta por onde ocorrem surtos de desenvolvimento econômico por intermédio seja de plantas industriais ou algum outro tipo de atividade econômica, as consequências são semelhantes às ocorridas em Macondo. Inicialmente, o desenvolvimento econômico provoca a efervescência social caracterizada pela troca intensa que se estabelece entre os homens com o advento da economia monetária. De acordo com Durkheim, tal efervescência só pode ser produzida no aglutinar das pessoas, ou seja, pela presença da multidão. No seu auge, o surto econômico traz novidades como o automóvel, o gramofone e o cinema e, na decadência, a solidão. Esta é uma representação semelhante a diversas comunidades espalhadas pela América Latina; em cuja planta física foram instalados empreendimentos e atividades econômicas, tais como fábricas, usinas hidrelétricas, estradas, mineradoras, indústrias, e que depois de algum tempo vão embora da noite para o dia deixando um passivo jurídico e social enorme. Nossa interpretação é que é possível fazer uma análise da América Latina a partir do mundo que o enredo e os personagens de Cem Anos de Solidão nos apresenta.

No Brasil, por exemplo, em 15/01/2002, a unidade da Parmalat em Itamonte, no Sul de Minas Gerais, foi fechada depois de 24 anos de funcionamento. Cerca de 300 funcionários foram demitidos e a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do município terá redução de um terço. O município, que tem 12,5 mil habitantes, vai deixar de arrecadar R\$ 40 mil por mês com o tributo. O grupo Vulcabrás/Azaleia, anunciou em 30/11/12 o fechamento de doze fábricas na Bahia. Cerca de 4 mil funcionários devem ser dispensados com a decisão, segundo os sindicatos da região.

Nesta perspectiva, nos apropriamos do mundo representado pelo romance, o mundo do autor, da narrativa do autor, para compreender e elaborar o nosso próprio mundo; para compreender e descrever a dependência econômica, e o tipo de impacto que o desenvolvimento econômico exerce sobre uma comunidade, as mudanças e as transformações que o desenvolvimento traz à vida das pessoas. E, dessa forma, interpretar a realidade latino-americana na atualidade.

Nosso exercício de hermenêutica é baseado na proposta de Ricoeur, de mundanizar a compreensão em vez de deixá-la no âmbito da psicologia do autor. Isso quer dizer, por exemplo, que ao ler uma obra, em vez de buscarmos a compreensão da obra no que o autor quis dizer, devemos nos focar no que a obra nos abre como possibilidade para entendermos do mundo. É o meu ser no mundo que será fundamental para que eu compreenda uma obra, e não mais o que o autor teve como intenção ao escrever a obra.

Nesta perspectiva, será possível *construir uma interpretação* plausível do impacto que o desenvolvimento econômico exerceu sobre Macondo, a aldeia encantada que durante muitos anos existiu sem que seus habitantes estabelecessem contatos com o exterior, com a economia monetária capitalista, e com todos os tipos de novos hábitos, costumes e representações que o desenvolvimento econômico impõe sobre as pessoas e seu dia-a-dia.

Do ponto de vista metodológico, vamos nos apropriar livremente do texto do romance, e extrair do mesmo, *ipsis litteris*, palavras, frases, períodos e parágrafos inteiros, obtendo, ao final, uma narrativa interpretativa mundanizada (que é nossa, mas que é feita com as próprias palavras do autor) de como Macondo deixou de ser uma aldeia de 300 habitantes para se transformar em uma cidade com ares de metrópole, e depois de alguns meses conhecer a decadência. Nossa interpretação via (re)ordenação do

romance não são usuais, pois iremos colocar o texto em relevo utilizando trechos originais do mesmo. Construiremos a nossa interpretação com (re)ordenação das palavras do próprio autor. Não estamos aqui preocupados com as intenções do autor, mas por intermédio da sua narrativa, do seu mundo, construir uma narrativa interpretativa que ajude a compreender o nosso mundo. Por intermédio da América Latina narrada e descrita por Gabriel Garcia Marquez pretendemos interpretar a América Latina de hoje.

Nesta perspectiva, o presente ensaio está dividido em três partes. Inicialmente discute-se a hermenêutica de Paul Ricoeur, que nos oferece um espaço maior como leitor interprete de realizar o exercício hermenêutico de (re)significar a obra de um grande escritor latinoamericano, a partir de tudo aquilo que no romance foi significativo para nós. Em seguida, por intermédio de trechos originais do romance, (re)ordenamos a narrativa e o mundo do autor, construindo a partir da obra uma representação do processo que narra o impacto do desenvolvimento econômico sobre Macondo. Ressaltamos que nos apropriaremos do texto livremente construindo uma interpretação da inauguração, auge e decadência que o processo de desenvolvimento econômico exerceu sobre a cidade imaginária do romance. Ao longo dessa (re)ordenação quase que visceral da obra do autor, vamos alinhavando o texto de modo a torná-lo um todo coerente, isto é, um discurso ou uma narrativa das diversas consequências que o desenvolvimento econômico latino-americano dependente exerce sobre as comunidades. Nesse sentido, os trechos utilizados do romance estarão entre aspas, e as nossas intervenções estarão em colchetes negritadas com o intuito de graficamente separar o que é escrito do autor e o que é nosso. E, finalmente, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

2. A hermenêutica de Paul Ricoeur

Segundo Paul Ricoeur (1976, p.17) “a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos”. Ou seja “[...] hermenêutica é interpretação orientada para textos [...]” (RICOEUR, 1976, p.37). Lembramos que Ricoeur pensa a ação humana, objeto de pesquisa das ciências humanas de uma maneira geral, carregada em sua estrutura da mesma plausibilidade de ser compreendida pela hermenêutica dialética, já que se assemelha à estrutura de um texto.

O compreender para Ricoeur (1976) não se dirige ao conhecimento dos fatos, mas à sua possibilidade de ser. Compreender um texto não é desnudar um sentido inerte que estaria contido no texto, mas revelar a possibilidade de ser indicado pelo texto. Sendo fiel a Heidegger, Ricoeur (1976, p.33) formula: “ [...] seremos fiéis ao compreender heideggeriano que é, essencialmente, um projetar ou, de modo mais dialético e mais paradoxal, um projetar num ser-lançado prévio.”

A compreensão na hermenêutica proposta por Ricoeur não está ligada ao problema de compreender o que o outrem diz. Ricoeur (1976) afirma que um psiquismo estranho dominava as ciências do espírito, da psicologia à história. Para o autor é extraordinário que a compreensão não esteja baseada na relação do ser no mundo. “Não se trata de ser-com um outro, que duplicaria nossa subjetividade, mas de ser-no mundo” (RICOEUR, 1976, p.32). A linguagem e a vivência estão mediadas pela interpretação. A interpretação faz essa mediação por meio do distanciamento, da apropriação, da explicação e da compreensão.

A proposta de Ricoeur é mundanizar a compreensão em vez de deixá-la no âmbito da psicologia do autor. Isso quer dizer, por exemplo, que ao ler uma obra, em vez de buscarmos a compreensão da obra no que o autor quis dizer, devemos nos focar no que a obra nos abre como possibilidade para entendermos do mundo. É o meu ser no mundo que será fundamental para que eu compreenda uma obra, e não mais o que o autor teve como intenção ao escrever a obra. Ricoeur (1976) afirma que com o discurso escrito, a intenção do autor e o significado do texto deixam de coincidir.

O outro, no caso o autor, não desaparece da teoria da hermenêutica de Ricouer, ele passa a ter um lugar diferenciado na compreensão do texto. Se antes esse outro era eixo central na compreensão de um texto, ele agora é parte de uma dialética que engendra a compreensão. A despsicologização da interpretação não significa que a noção de significado autoral tenha desaparecido. Se desaparecesse, Ricouer afirma que ele estaria trocando a falácia intencional, quando a intenção do autor importa, pela falácia do absoluto, em que o texto é uma entidade sem autor. Qualquer uma dessas falácias existe em detrimento da não dialética entre evento e sentido. “*A autonomia semântica do texto torna a relação do evento e significação mais complexa e, nesse sentido, revela-a com uma relação dialética*” (RICOEUR, 1976, p. 42).

Ricouer (1976) defende que o texto é autônomo, aberto e polissêmico. A autonomia do texto é responsável pela abertura de potenciais leitores, criando o auditório do texto. Por outro lado, a reposta do auditório é que dá significação, tornando-o importante. A polissemia e a abertura do texto estão diretamente vinculadas ao estabelecimento de referências para leitor. Ao falarmos de referência em Ricouer, somos levados a explicar a diferença entre sentido e referência para o autor.

Paul Ricoeur defende a dialética subjetiva-objetiva (evento e significação) no significado do discurso, contudo afirma que essa dialética não esgota a estrutura do discurso. O lado objetivo, referente à significação presente na predicação, pode se apresentar de dois modos diferentes. O primeiro modo é o sentido, procura significar o “que” do discurso. O segundo modo é a referência, procura significar “acerca de que” do discurso. Podemos distinguir o que é dito do que acerca do que se diz.

Como a linguagem em Ricouer não é entendida como um sistema fechado, em que os signos se referem a outros signos dentro do próprio sistema, a referência, o “acerca de que”, possibilita que a linguagem seja dirigida para fora de si mesma. O sentido está relacionado à função de identificação e à predicação no interior do discurso, e a referência relaciona a linguagem ao mundo (Ricoeur, 1976, p.31). “A noção de trazer a experiência é a condição ontológica da referência” (RICOEUR, 1976, p.32). Dessa maneira, a referência pode resultar em diferentes interpretações, e até mesmo em interpretações conflitantes.

Outra contribuição importante de Paul Ricouer (1976) é a defesa de uma dialética entre a explicação e a compreensão nas ciências do espírito. Para Paul Ricouer (1976, p.85) “*Compreender o sentido de um locutor e compreender o sentido da enunciação constituem um processo circular*”. A compreensão e a explicação são fases de um único processo. É plausível se pensar num movimento que vai da compreensão para a explicação, ou seja, da conjectura para a validação e outro movimento da explicação para a compreensão.

A dialética entre a compreensão e a explicação defendida por Ricouer, nos leva também a perceber, que o autor siga o mesmo caminho ao discutir a dualidade entre método e verdade nas ciências do espírito. Afinal, a explicação seria o caminho quando desejamos andar sobre os trilhos da objetividade e alcança-la nas ciências do espírito. O método seria o responsável por levar a análise explicativa à objetividade. Já a compreensão seria recomendada quando o que se busca alcançar é a verdade, a “*densidade ontológica da realidade a ser estudada*” (RICOEUR, 1990, p.43). Diferentemente de Gadamer, Ricouer (1990) acredita que verdade e método não são dois processos que se dão de maneira separada e excludente. Assim como a compreensão e a explicação, são faces de um mesmo processo.

Voltemos à ponderação que fizemos anteriormente: afinal de contas, como devemos, após já sabermos que a compreensão e explicação não são dois contrários, ler um texto e buscar seu significado? Vimos que Ricouer é contrário à busca da intenção do autor para chegarmos ao significado de um texto. Segundo Paul Ricouer (1990, p. 53) o texto escrito faz com que o mundo do autor seja posto em relevo, e não sua intenção. O texto deve descontextualizar-se de tal forma que seja

recontextualizado numa nova situação. O leitor do texto tem papel fundamental nessa recontextualização.

3. A (re)ordenação e (re)contextualização do romance

“Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas, que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes. As casas dos 300 habitantes eram todas semelhantes. Tinha uma saleta ampla e bem iluminada, uma sala de jantar em forma de terraço com flores de cores alegres, dois quartos, um quintal com um castanheiro gigantesco, um jardim bem plantado e um curral onde viviam os cabritos e porcos e as galinhas. As casas estavam posicionadas de tal modo que a partir de cada uma se podia chegar ao rio e se abastecer de água com o mesmo esforço; e as ruas eram traçadas com tanta habilidade que nenhuma casa recebia mais sol que a outra na hora do calor, de modo a que ninguém desfrutasse de privilégios que possuíssem todos. Era na verdade uma aldeia feliz, onde ninguém tinha mais de trinta anos e onde ninguém ainda havia morrido.”

[Nessa época os habitantes de Macondo eram pessoas muito simples e desconheciam ainda os progressos da ciência, e]“*as máquinas de bem-estar. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo. Crenças religiosas e magia habitavam a cabeça daquela gente.*”**[As evidências mais contundentes da simplicidade dos habitantes da Macondo, recaem, por exemplo, nas demonstrações públicas daquilo que o]**“cigano Melquiádes apresentava todos os anos como sendo a oitava maravilha dos sábios alquimistas da Macedônia,”**[o imã, o gelo, a lupa e a dentadura.]**

[Macondo e seus habitantes estavam isolados do contato com o mundo exterior, conservando um primitivismo endêmico. Macondo conhece a rota do comércio exatamente no dia em que Úrsula Iguarán, a matriarca dos Buendias, descobriu a ausência do seu José Arcádio que]“entrou para cigano” indo embora com a farândola dos ciganos.”**[Iniciou a busca pelo filho perguntando]**“por onde tinham ido os ciganos. Continuou perguntando no caminho que lhe indicaram, e pensando que ainda havia tempo de alcançá-los, continuou se afastando da aldeia, até que teve consciência de estar tão longe que já não pensou mais em voltar. De repente, quase cinco meses depois do seu desaparecimento, Úrsula voltou.”**[Ao retornar trouxe uma]**“multidão. Não eram ciganos. Eram homens e mulheres (...) de cabelos lisos e pele parda (...) que traziam mulas carregadas de coisas de comer, carroças de bois com móveis e utensílios domésticos, puros e simples acessórios terrestres postos à venda sem estardalhaço pelos mercadores da realidade cotidiana. Vinham do outro lado do pântano, de apenas dois dias de viagem, onde existiam povoados que recebiam o correio todos os meses e conheciam as máquinas do bem-estar. Úrsula não tinha alcançado os ciganos, mas encontrara a rota que seu marido não tinha podido descobrir na sua frustrada busca das grandes invenções.”

“Com a multidão trazida por Úrsula, Macondo estava transformada. As pessoas que tinham vindo com Úrsula divulgavam a boa qualidade do solo e a sua posição privilegiada em relação ao pântano, de modo que a reduzida aldeia de outros tempos transformou-se logo num povoado ativo, com lojas e oficinas de artesanato, e uma rota de comércio permanente por onde chegaram os primeiros árabes de pantufas e argolas nas orelhas, trocando colares de vidro por papagaios.”

[Com o estabelecimento de um mercado constante e movimentado, dezenas de forasteiros passavam diariamente por Macondo, e com isso uma nova concepção de tempo inaugura-se em Macondo.]“Nosso herói José Arcadio Buendia mandou libertar os pássaros das gaiolas e instalou em seu lugar relógios musicais de madeira trabalhada que os árabes trocavam por papagaios.”**[O tempo agora é outro, não mais regulado pela natureza, mas organizado pelo relógio, instrumento que sincroniza, organiza e mede o tempo do trabalho. Pouco a pouco os “moinhos satânicos” da economia monetária anunciava o domínio da racionalidade científica moderna. José Arcádio**

Buendia, por exemplo,“se aferrou em não admitir meandros retóricos nem transmutações de chocolate, e exigiu como única prova o daguerreótipo de Deus. Ofereceram a ele medalhas e figurinhas de santos, mas José Arcádio Buendia repeliu-os por serem objetos artesanais sem fundamento científico. Deslumbrado com tantas e tão maravilhosas invenções, o povo de Macondo não sabia por onde começar a se espantar.” **[A loja de Pietro Crespi]**“ocupava agora quase um quarteirão. Lâmpadas elétricas alimentadas pelo gerador que Aureliano Triste trouxera na segunda viagem de trem.”

[O desenvolvimento sempre traz novidades e como ele o cinema chegou a Macondo.]“As pessoas ficaram indignadas com as imagens vivas que o próspero comerciante Sr. Bruno Crespi projetava no teatro de bilheterias que imitavam bocas de leão, porque um personagem morto e enterrado num filme, e por cuja desgraça haviam derramado lágrimas de tristeza, reapareceu vivo e transformado em árabe no filme seguinte. O público, que pagava dois centavos para partilhar das vicissitudes dos personagens, não pode suportar aquele logro inaudito e quebrou as poltronas. O alcaide, por insistência do Sr. Bruno Crespi, explicou num decreto que o cinema era uma máquina de ilusão que não merecia os arroubos passionais do público. Diante da desalentadora explicação, muitos acharam que tinham sido vítimas de um novo e aparatoso negócio de cigano, de modo que optaram por não voltar ao cinema, considerando que já tinham o suficiente com os seus próprios sofrimentos para chorar por infelicidades de seres imaginários.”

“Os Gramofones de manivela substituíram os antigos realejos. Telefones instalados. Desde que a estrada de ferro foi inaugurada oficialmente e o trem começou a chegar com regularidade toda quarta-feira às onze, e que se construiu a primitiva estação de madeira com um escritório, o telefone e um guichê para vender as passagens. Entre as pessoas que não paravam de chegar, numa das tantas quartas-feiras, chegou a Macondo e almoçou em casa o rechonchudo e sorridente Mr. Herbert. Com Mr. Herbert chegou um grupo de engenheiros, agrônomos, hidrólogos, topógrafos e agrimensores e advogados com seus cães farejadores.”

“Não houve, entretanto, muito tempo para pensar no assunto, porque os desconfiados habitantes de Macondo mal começavam a se perguntar que diabo era o que estava acontecendo, quando já a aldeia se tinha transformado num acampamento de casas de madeira com tetos de zinco, povoado por forasteiros que chegavam de meio mundo no trem, não só nos bancos e nos estribos mas até no teto dos vagões. Os americanos fizeram uma aldeia à parte do outro lado da linha do trem, com ruas orladas de palmeiras, casas com janelas com tela metálica.”

[Esses engenheiros e agrônomos provocaram profundas mudanças em Macondo, na verdade, causaram]“um transtorno colossal, muito mais perturbador que o dos antigos ciganos. Dotados de recursos que em outra época estavam reservados à Divina Providência, modificaram o regime das chuvas, apressaram o ciclo das colheitas, e tiraram o rio de onde sempre esteve e o puseram (...) no outro extremo da povoação. Para os forasteiros que chegavam sem amor, transformaram a rua das carinhosas matronas da França num povoado mais extenso que o outro e, numa quarta-feira gloriosa, trouxeram um trem carregado de putas inverossímeis, fêmeas babilônicas adestradas em recursos imemoriais e providas de toda espécie de unguentos e dispositivos para estimular os inertes, despertar os tímidos, saciar os vorazes, exaltar os modestos, desenganar os múltiplos e corrigir os solitários.”

“A Rua dos Turcos, enriquecida com luminosos armazéns de comestíveis que expulsaram as velhas feiras de canários-da-terra, regurgitava nas noites de sábado com as multidões de aventureiros que se atropelavam entre as mesas de jogo, os balcões de tiro ao alvo. Foi uma invasão tão tumultuada e intempestiva que nos primeiros tempos era impossível andar na rua com o estorvo dos móveis e dos baús e com o trançar da carpintaria dos que erguiam as suas casas em qualquer terreno vazio sem a autorização de ninguém.”

“Tantas mudanças ocorreram em tão pouco tempo que oito meses depois da visita de Mr. Herbert os antigos habitantes de Macondo se levantavam cedo para conhecer a sua própria aldeia.”

- “olhem a confusão em que nos metemos – costumava então dizer o Coronel Aureliano Buendia – só por termos convidado um americano para comer banana.”

“Mais de um ano se passara desde a visita do Mr. Herbert e a única coisa que se sabia era que os americanos pretendiam plantar bananeiras na região.”[**Com a chegada da Companhia bananeira**]“um povoado que da noite para o dia se”[**transformou**]“num lugar de perigo. O primeiro automóvel chegara a Macondo – um conversível alaranjado com uma buzina que espantava os cães com os seus latidos” –[**enquanto**]“fechado na oficina, o Coronel Aureliano pensava nessas mudanças.”

“Os operários da companhia estavam amontoados em barracos miseráveis. Os decrepitos advogados vestidos de negro, que em outros tempos tinham assediado o Coronel Aureliano Buendia e que agora eram procuradores da companhia bananeira, desvirtuavam a função com arbitrariedades que pareciam passes de mágica. Quando os trabalhadores redigiram uma lista de pedidos unânimes, muito tempo se passou sem que pudessem notificar oficialmente a companhia bananeira. Cansados (...) os trabalhadores repudiaram as autoridades de Macondo e subiram com as suas queixas aos tribunais supremos. Foi lá que os ilusionistas do direito demonstraram que as reclamações careciam de toda validade, simplesmente porque a companhia bananeira não tinha, nem tinha tido nunca nem teria jamais, trabalhadores a seu serviço, mas sim que os recrutava ocasionalmente e em caráter temporário.”[**Uma forma de trabalho precarizado chega a Macondo e com ela a greve dos trabalhadores**].

“A grande greve estourou. Os cultivos ficaram pelo meio, a fruta apodreceu no pé e os trens de cento e vinte vagões ficaram parados nos desvios. Os operários ociosos atulhavam as aldeias. O exército tinha sido encarregado de restabelecer a ordem pública. A Lei Marcial facultava ao exército assumir funções de árbitro da controvérsia, mas não se fez nenhuma tentativa de conciliação. Imediatamente após se exibirem em Macondo, os soldados puseram de lado os fuzis, cortaram e embarcaram as bananas e movimentaram os trens. Os trabalhadores, que até então se haviam conformado com esperar, atiraram-se ao mato sem mais armas que os seus facões de trabalho, e começaram a sabotar a sabotagem. Incendiaram fazendas e armazéns, destruíram os trilhos para impedir o trânsito dos trens, que começaram a abrir caminho a fogo de metralhadora, e cortaram os fios do telégrafo e do telefone. Os canais de irrigação tingiram-se de sangue. A situação ameaçava evoluir para uma guerra civil desigual e sangrenta quando as autoridades fizeram um apelo aos trabalhadores para que se concentrassem em Macondo. O apelo anunciava que o chefe civil e militar da província chegaria na sexta-feira seguinte, disposto a interceder no conflito.”

(...) “mais de três mil pessoas, entre trabalhadores, mulheres e crianças, tinham atulhado o espaço descoberto em frente da estação e se apertaram nas ruas adjacentes, que o exército fechara com filas de metralhadoras.”[**E com**] “três artigos de oitenta palavras [o **governo**] classificava os grevistas de quadrilha de malfeitores e facultava ao exército o direito de matá-los a bala.”[**O massacre sobreveio**], “porque os cadáveres tinham a mesma temperatura do gesso no outono e a sua mesma consistência de espuma petrificada, e os que os tinham colocado no vagão tiveram tempo de arrumá-los na ordem e no sentido em que se transportavam os cachos de banana. Os operários tinham obedecido à ordem de evacuar a estação e se dirigiram para as casas em caravanas pacíficas. A comunicação informava também que os dirigentes sindicais, com um elevado espírito patriótico, tinham reduzido as suas reivindicações a dois pontos: reforma de serviços médicos e construção de latrinas nas vivendas.”

“Choveu durante quatro anos, onze meses e dois dias (...) o céu desmoronou-se em tempestades de estrupício e o Norte mandava furacões que destelhavam as casas, derrubavam as paredes e arrancavam pela raiz os últimos talos das plantações. A companhia estava botando a abaixo os seus ambulatórios para levá-los para as terras de estiagem. Macondo estava em ruínas, nas valas das ruas restavam móveis espedaçados, esqueletos de animais cobertos de lírios vermelhos, últimas lembranças das hordas de imigrantes que tinham fugido de Macondo tão atabalhoadamente como tinham chegado.”

“As casas erguidas com tanta urgência durante a febre da banana tinham sido abandonadas. A companhia bananeira desmantelara as suas instalações. Da antiga cidade cercada só restavam os escombros”. Os sobreviventes da catástrofe, os mesmos que já viviam ali antes que Macondo fosse sacudido pelo furacão da companhia bananeira, estavam sentados no meio da rua gozando os primeiros sóis. Também por essa época voltaram os ciganos, os últimos herdeiros da ciência de Melquíades, e encontraram o povoado tão acabado e seus habitantes tão afastados do resto do mundo que tornaram a entrar nas casas arrastando ferros imantados, como se na verdade fossem á última descoberta dos sábios babilônicos, tornaram a concentrar os raios solares com a lupa gigantesca e não faltou quem ficasse de boca aberta vendo caírem as painéis e rolarem os caldeirões e quem pagasse cinquenta centavos para se assombrar com uma cigana que tirava e botava a dentadura postiça.”

4. Considerações finais

Ao longo deste ensaio buscamos ler o romance Cem Anos de Solidão de Gabriel Garcia Marquez, como um exercício para interpretar a América Latina. Baseando-nos na hermenêutica de Paul Ricoeur, recontextualizamos a obra para, através dela, interpretarmos a realidade do nosso mundo. Para tanto, procuramos, a partir de trechos copiados do próprio romance, construir uma interpretação plausível da dependência econômica configurada pela indústria da banana, e do processo de inauguração, auge e decadência do desenvolvimento econômico e as consequências que o mesmo exerceu sobre Macondo. No nosso entender, o romance abre a possibilidade de refletirmos sobre as semelhanças existentes entre Macondo e diversas cidades espalhadas pela América Latina e pelo mundo afora.

Nosso entendimento é de que a cidade imaginária de Macondo, tal como interpretada e descrita por nós na seção acima, conhece um surto de desenvolvimento econômico provocado por atividades econômicas e industriais baseadas no extrativismo e na monocultura, no caso, a banana. Neste aspecto, nossa interpretação é a de que Macondo é uma representação em miniatura de regiões extensas da América latina, cuja base econômica está assentada na monocultura. A indústria da banana é exemplar da dependência econômica e tecnologicado Continente. Continuamos a exportar bananas e importar tecnologia, tal qual Macondo.

Nessa perspectiva, as possibilidades de analogias com o que ocorre com a América Latina que o romance - ou melhor, que a interpretação e descrição que fizemos do mesmo -, possibilita são inúmeras. A América Latina pode ser interpretada como uma região que se integra à economia monetária, ao mundo capitalista de maneira dependente. Sem conhecimento e informações e ainda sob o domínio da magia e da religião suas lideranças “compram” das mãos do cigano Melquíades, as últimas maravilhas dos sábios da Macedônia: o gelo, a lupa, o imã e a dentadura. A nosso ver, uma sátira da ingenuidade dos nossos acordos comerciais que vendem matéria prima e compram produtos manufaturados e achamos que estamos fazendo um negócio da china.

Outra analogia possível, por exemplo, uma das consequências inevitáveis do desenvolvimento econômico é o surgimento dos trabalhadores organizados em sindicatos. O tratamento dispensado aos trabalhadores pelo governo de Macondo, como vimos, é o da bala e do extermínio dos sindicalistas. O que significa isso? Como interpretar essa passagem do romance em que “a grande greve estourou”, sem nós referirmos ao tipo de tratamento dispensado aos trabalhadores latinoamericanos por suas elites, ao receituário histórico de tantos governos do Continente que deitam a chibata sobre os trabalhadores. Por tudo isso, achamos que é possível interpretar o Brasil, e por extensão a América Latina a partir de Cem Anos de Solidão.

5. Referências Bibliográficas

MARQUEZ, Gabriel Garcia. Cem Anos de Solidão. Tradução de Eliane Zugary. 33ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967.

RICOEUR, Paul. Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: a tríplice mimese. In: Tempo e narrativa. Campinas: Papirus, 1995, p.85-131, Tomo II.